

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO AMBIENTE PEDAGÓGICO

Maria de Lourdes Sobral¹

RESUMO

Com base na visão de alguns teóricos, o artigo trata da importância do afeto na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, visto que é a inclusão ou não do afeto no processo educativo que norteará a conduta do educando na vida pessoal e social. Na sala de aula, muitas vezes, alguns professores têm privilegiado os conteúdos escolares esquecendo-se de que, ali estão seres humanos em busca de um espaço ou um olhar que possibilite a construção de uma aprendizagem. Nossa proposta enquanto, profissional da educação, é refletir sobre a importância de uma tomada de consciência do nosso papel para possibilitarmos ao aluno, um desenvolvimento afetivo sadio, que o leve à construção de uma personalidade autônoma, atuando como sujeito de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia; Afeto; Autoridade; Aprendizagem.

ABSTRACT

On the basis of the view at some theoreticals, the article is about importance of the affection in the connection between teacher and student in an education and learning process, since is the inclusion or no of the affection in the education process that will direction the student behavior of personal and social life. In the classroom, many times, some teachers does have privileged the school contents forgetting themselves than, there they are human beings in search of a space or a look that to have a possibility the learning construction. Our proposal while education professional is to reflect about the importance become aware of the our part to we guarantee the student a healthy emotional development that him take to the construction of autonomous personality, acting with subject of the himself.

KEY WORDS: Education; Affection; Authority; Learning.

¹ Professora de escola pública e privada, graduada em Pedagogia pela FAFICA com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela SOET

APRESENTAÇÃO

A educação tem como finalidade a preparação do educando para o exercício da cidadania; nos diz a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96, Art. 2º, P. 5). Entretanto, a forma como vêm sendo conduzidas as relações interpessoais no âmbito educacional, principalmente a relação professor/aluno, tem produzido indivíduos com auto-estima fragilizada, sem consciência de si mesmos e de suas capacidades. Por isso, é preciso que se reconsiderem algumas posturas adotadas pelo professor, bloqueadoras da aprendizagem do aluno.

Sabendo que a escola tem a função de levar o aluno a adquirir conhecimentos sistematizados, mas levando-se em conta o contexto social de hoje, a escola acaba assumindo também a responsabilidade de desenvolver habilidades sociais, que antes eram apenas de responsabilidade da família. Fica claro, dessa forma, que a relação família-escola é importante no desenvolvimento sadio do indivíduo.

Segundo Márcio Ferrari (2004: 36), o ensino tem como função principal, levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais. Nas primeiras séries do ensino fundamental, a relação entre professor e aluno, carece de um clima de maior afetividade, visto que, nessa fase de escolaridade, o aluno faz do ambiente escolar uma extensão do lar, em busca de segurança e afeto. Entretanto, diante dos problemas enfrentados pelos professores, já na Educação Infantil, fazemos as seguintes indagações: Como anda a relação professor-aluno, na sala de aula? Nós, professores, estamos contribuindo para o desenvolvimento afetivo-sadio de nossos alunos? Uma pedagogia, baseada no afeto, facilitaria o processo ensino-aprendizagem?

Essas indagações nos levam a refletir sobre a relação afetiva entre professor e aluno, e as implicações desse afeto na aprendizagem.

Acreditamos que *“não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”* (MELLO, 2004: 18), no contexto atual, é necessário que a escola procure comprometer-se não apenas com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas principalmente com seu desenvolvimento socioemocional.

Este trabalho tem o objetivo de desencadear reflexões que despertem nos profissionais da educação a compreensão de que o aluno necessita de um tratamento acolhedor e humanizado, principalmente aqueles que se encontram no início da escolarização. Assim, pretendemos estudar a relação afetiva entre professor e aluno, considerando sua importância no processo ensino-aprendizagem.

Com o objetivo de investigar o tipo de relações afetivas existentes entre professores e alunos, no âmbito escolar, foi feita uma pesquisa bibliográfica e um trabalho de campo, numa escola pública, na qual foram realizadas observações e entrevistas com 20 (vinte) alunos de 2 (duas) turmas de 1ª (primeira) série e seus respectivos professores.

O campo de pesquisa escolhido foi a Escola Municipal Professora Maria do Socorro Rodrigues da Silva, que atende a 15 (quinze) turmas do Ensino Fundamental I, sendo 3 (três) dessas turmas de correção de fluxo (duas de acelera e uma de Se liga), 18 (dezoito) do Ensino Fundamental II, EJA (Educação de Jovens e Adultos) I, II, III, IV. A referida escola está situada à Rua Inácio de Arruda, S/N, no bairro da COHAB, na cidade de Altinho-PE.

Realizamos observações diretas na sala de aula das professoras que participaram da pesquisa e os resultados foram analisados posteriormente, com base no registro das observações feitas e dos paralelos traçados a partir do que dizem os teóricos pesquisados sobre a importância de uma pedagogia afetiva positiva.

Percebemos com este estudo que muitas vezes, nós, educadores, não conseguimos nos colocar como sujeitos facilitadores de uma aprendizagem afetiva, positiva dos nossos alunos.

Daí nossa intenção em, sobretudo, tentar sensibilizar professores e profissionais da educação a buscar a superação dos obstáculos que os impedem de ministrar uma pedagogia com afeto.

Pedagogia do Afeto

O aspecto afetivo é um elemento importante que deve ser considerado no processo de aprendizagem.

Segundo Marchand, (1985: 19).na prática pedagógica, podem surgir entre professor e aluno, sentimentos de atração ou de repulsão. Essas atitudes sentimentais têm o poder de influenciar a metodologia com risco de alterá-la, provocando no aluno, rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis ao ensino.

O poder do professor é maior que o do livro, e a qualidade do diálogo estabelecido entre professor e aluno é importante para uni-los, criando um laço especial, ou para separá-los, criando obstáculos intransponíveis (MARCHAND, 1985: 19).

O trabalho do educador é considerado por Codo e Gazzotti “*o melhor*”, porque é ele quem controla o processo produtivo, tem liberdade de criação e ação, além de ordenar tipos e seqüência de atividades. É também um trabalho dos mais delicados porque necessita de um investimento afetivo na relação professor-aluno, principalmente por parte do educador, a afetividade não deve ser esquecida, pois ela é um fator essencial nesse processo, visto que, funciona como elo de sedução entre educando e educador.

Sabendo que o objetivo do trabalho do educador é a aprendizagem do aluno, alguns fatores são importantes para que ocorra essa aprendizagem, tais como: capacidade intelectual e vontade de aprender, por parte do aluno; conhecimentos e capacidade de transmitir conteúdos, por parte do educador; apoio dos pais nas atividades extra-classe e outros. Portanto, é a afetividade o grande estimulante na efetivação do conhecimento.

Quando o professor se dispõe a ensinar e o aluno a aprender, vai se formando uma corrente de elos afetivos que propicia uma troca entre ambos, onde a motivação, a boa vontade e o cumprimento dos deveres acabam deixando de ser tarefas árduas para o aluno. Criatividade, interesse e disposição para esclarecer dúvidas, funcionam como estímulo para o professor.

O acordo silencioso existente, muitas vezes, entre professor e aluno, acaba se transformando em um jogo sedutor, onde o professor conquista a atenção do aluno e desperta seu interesse para o conhecimento que pretende abordar. É nessa

conquista sedutora, carregada de energia afetiva que o professor transmite seus conteúdos escolares e o aluno os apreende, ou seja, “*é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem*” (CODO e GAZZOTTI, 2002).

Codo e Gazzotti definem a palavra seduzir como “*trazer para o seu lado*”. Isto significa que o professor precisa fazer um trabalho de conquista, levando o aluno confiar nele, a acreditar que determinado conteúdo lhe será útil. Isto é sedução e afetividade.

Caso não seja estabelecida uma relação afetiva entre professor e aluno, é ilusão acreditar que o ato de educar tenha sucesso completo. Ou seja, pode até haver algum tipo de fixação de conteúdo, mas não será uma aprendizagem significativa, nada que prepare esse indivíduo para uma vida futura deixando, lacunas no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Freire, não existe educação sem amor. “*Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais*” (FREIRE, 1983: 29). Freire (1996) ainda nos diz que o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem. Isso não quer dizer que o professor tenha de querer bem a todos os alunos da mesma forma, mas que ele não deve permitir que sua afetividade interfira no cumprimento do seu dever de educador. Abertura ao querer bem significa disponibilidade para a alegria, para o afeto, para o Amor.

Afeto e Autoridade

Alicia Fernández, psicopedagoga argentina, em entrevista dada à revista Aprende Brasil (junho/julho 2007, p.14-17), atenta para a necessidade de fazer do afeto uma das ferramentas no ato de educar. A inclusão ou não do afeto no processo educativo definirá se a sala de aula funcionará como espaço de verdadeira aprendizagem ou como espaço apenas para passar o tempo e concluir os níveis educacionais.

Ter boas notas não significa que a aprendizagem ocorreu de forma efetiva, pois isso só acontece quando o aluno é realmente afetado pela escola que o leva à transformação pessoal, tornando-o capaz de participar da transformação do mundo e evoluindo como ser humano.

O professor tem papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Muitas vezes, ele é a única pessoa que pode reconhecer esse aluno como ser dotado de sonhos, desejos e muita vontade de mudar a história de sua existência.

Tratar o aluno com afeto não significa tratá-lo com beijos, abraços ou procurando agradá-lo, significa apenas que devemos acordar e tomar atitudes que nos leve a sair de nossa indiferença, porque essa “indiferença” é justamente a falta de afetividade. Não podemos mais fazer de conta que não sentimos nada diante do que acontece a nossa volta, que toda essa violência e falta de objetivos não nos atinge. A capacidade de sentir nos torna seres privilegiados e com capacidade de transformar o mundo a nossa volta.

Numa sala de aula onde a afetividade é levada em consideração, provavelmente formará indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos o que contribuirá para um mundo menos agressivo. Para que isso aconteça, é preciso que haja uma relação de respeito e cumplicidade entre professor e aluno. E isso só será possível se houver autoridade por parte do professor.

A palavra autoridade possui a mesma raiz da palavra autor. E, ser autor é ter a capacidade de fazer algo, de criar algo. Muitas pessoas acham que autoridade deve estar atrelada à obediência. Não. Autoridade está atrelada à responsabilidade. O professor precisa sentir-se responsável. Se nós conseguirmos reconhecer a importância do que nossos alunos pensam; se conseguirmos ouvir um pouco da história de sua vida, até das dores que trazem de casa, nós teremos autoridade, porque todo ser humano que se sente escutado e acolhido, ele consegue respeitar regras. Portanto, afeto e autoridade são palavras que devem estar presentes na relação professor e aluno.

Auto-estima: enfoques conceituais

Em nosso dia-a-dia, é comum cruzarmos com pessoas que carregam no semblante um ar de insatisfação e de mal-estar. Estes podem ter como causa, muitas vezes, a vivência em ambientes conflituosos, a ausência de respeito adequado a nossa mente e pessoa, levando-nos a desenvolver sentimentos e condutas que afetam nossa auto-estima.

A auto estima é conceituada como “*a postura que cada pessoa tem em relação a si mesma*” (STROCCHI, 2003, p. 15), e é compreendida nos aspectos:

- **Cognitivo** – com relação à auto-realização (opiniões de si mesmo, suas emoções, vida afetiva e social);
- **Emotivo** – seus sentimentos em relação ao afeto (indiferença, hostilidade);
- **Comportamental** – modo como o sujeito se comporta diante de si mesmo (auto-respeito).

A auto-estima é definida por Claret como a confiança que o indivíduo tem em sua capacidade de pensar e de enfrentar desafios. É a confiança na qualificação para expressar suas necessidades e desejos, de desfrutar dos resultados de seus esforços, e de se ver como merecedor e digno de felicidade. Com base nessa definição, fica claro que a auto-estima tem valor de sobrevivência, visto que, é uma poderosa necessidade humana, que contribui, essencialmente, para o processo vital. Uma auto-estima negativa interdita o crescimento psicológico, enquanto que a auto-estima positiva oferece força, resistência e capacidade de regeneração (CLARET, 1995).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Op Cit), diz no seu texto que a auto-estima é desenvolvida no indivíduo pouco a pouco, já na infância, e que consiste na interiorização da estima e da confiança que se tem por ele. Portanto, faz-se necessário que o adulto, pais ou professores, favoreça a construção positiva da auto-estima da criança, confiando e acreditando na capacidade da mesma.

Para que a escola favoreça a construção da auto-estima positiva, ela precisa criar situações educativas, obedecendo a limites impostos pela vivência coletiva, onde todas as crianças possam ter seus hábitos, ritmos e preferências individuais respeitados, suas falas ouvidas e compreendidas, possibilitando assim, o fortalecimento de sua autoconfiança.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Vol. 2) ainda nos diz que a construção da autoconfiança da criança, tem seu processo marcado por avanços e retrocessos. Visto que, frente a frustrações, a criança pode demonstrar sentimentos de medo, vergonha, birra ou até pesadelos, surgindo daí, a

necessidade de apoio e compreensão, por parte dos pais e professores, de forma controlada, flexível, porém segura.

O brincar, por sua vez, é fundamental para o desenvolvimento da autonomia da criança, pois é através da brincadeira que ela desenvolve capacidades como imitação e imaginação, que junto com a fantasia são elementos importantes no relacionamento interpessoal, levando-a a aprender mais sobre ela mesma e o outro.

O que nos entristece, entretanto, é que o modelo de educação que nos é apresentado até hoje, é o tradicional, onde as escolas associam disciplina a silêncio, onde conversa é sinal de bagunça além de privilegiar a mensuração dos resultados e o percentual de aprovado/reprovado do total de alunos. A pedagogia tradicionalista, tem sua atenção centrada no professor, e preocupa-se com a manutenção do bom comportamento e reprime a livre expressão do aluno.

A consequência dessa pedagogia, é que ela desenvolve indivíduos sem autovalorização, com auto-estima fragilizada.

É importante lembrar que os fenômenos que dizem respeito ao ensino e a aprendizagem possuem tanto componentes intelectuais quanto emocionais. Isso diz respeito tanto ao professor, que detém e transmite os conhecimentos sistematizados, quanto ao aluno, para quem esses conhecimentos são destinados.

Falta, nesse modelo educacional o apreço pelo amor incondicional, onde o sujeito deve ser amado pelo que é, e as diferenças respeitadas.

A prática pedagógica deve trilhar o caminho da vivência humanizadora, da compreensão do outro, da busca incessante de boas relações do indivíduo consigo mesmo e com o meio, enfatizando a pessoa num todo.

Os PCNs reconhecem a importância da participação do aluno e da relação interpessoal no processo de ensino e aprendizagem, como também a intervenção do professor nessa aprendizagem, ministrando conteúdos que possibilitem o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do cidadão em sua totalidade, levando-o a exercer uma cidadania e construir uma sociedade menos excludente e mais humanista.

O Aurélio traz como definição de cidadão: *“o indivíduo no gozo dos seus direitos civis e políticos de um Estado. Indivíduo sujeito”* (p.153).

Entretanto, o que vemos atualmente é alguns jovens se distanciando cada vez mais de sua condição de cidadãos, mostrando-se perdidos, sem objetivo de vida e deixando de atuar como sujeitos de si mesmo.

O que será que causa esse distanciamento e essa alienação em alguns de nossos jovens? Ainda não conseguimos encontrar uma resposta efetiva para essa pergunta. Mas talvez a resposta esteja na família, pois sabemos da importância de uma boa estrutura familiar na formação do ser humano. A escola também tem posição de destaque nessa formação, por isso, está claro que a parceria entre família e escola é essencial, visto que ambas têm os mesmos objetivos: o desenvolvimento sadio do indivíduo em todos os aspectos e o sucesso na aprendizagem, preparando cidadãos ativos, participativos, conscientes e sujeitos de sua própria história.

A importância do afeto no cotidiano escolar

Em nossas observações, realizadas na Escola Pública Municipal Professora Maria do Socorro Rodrigues da Silva, na sala de uma professora Y, observamos que os alunos apresentavam sempre uma expressão de tristeza. O desânimo, e a falta de motivação que a professora demonstrava, vem comprovar que, como afirma Galvão (1995), as reações causadas pelas emoções no ambiente funcionam como combustível para sua manifestação. Ou seja, a alegria ou a tensão de um determinado ambiente pode contagiar o estado de ânimo de alguém que chega nesse ambiente ou vice-versa.

CHALITA (2004, p.230) afirma que “o grande pilar da educação é a habilidade emocional”, portanto, mesmo em ambiente escolar, é impossível desenvolver as habilidades cognitivas e sociais, sem trabalhar a emoção.

É importante compreendermos que as emoções e os sentimentos que compõem o homem são constituídos de um aspecto de importância fundamental na vida psíquica do sujeito, visto que emoções e sentimentos estão presentes em todas as manifestações de nossa vida.

São os afetos que preparam as ações do sujeito, participando ativamente da percepção que ele tem das situações vividas e do planejamento de suas reações ao meio (Bock, 1999).

Observamos que a falta de ânimo da professora acabou por contagiar a turma, resultando numa aprendizagem lenta com alunos apáticos e desmotivados,

ficando claro que o caráter contagioso e coletivo, que caracteriza as emoções é de importância decisiva na harmonia do grupo social.

Nas observações feitas no decorrer das sessões, na sala de uma professora X, percebemos que, ao contrário da sala da professora Y, a aprendizagem era efetivada a cada dia, pois a alegria, o carinho (toque/escuta) e a motivação estavam explícitas, tanto no semblante da professora, quanto no semblante dos alunos.

Freire nos diz que não existe educação sem amor. “*Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais*” (FREIRE, 1983, p. 29). Comunicação e integração foram fatores presentes, na relação dessa professora com seus alunos mostrando-nos que os alunos se sentiam realmente afetados pela escola e pela professora resultando numa aprendizagem efetiva com indivíduos alegres, ativos e participativos.

Observamos ainda, nas sessões realizadas na sala da professora X, um acordo silencioso e sedutor, onde o professor conquista a atenção do aluno, despertando seu interesse para a aquisição do conhecimento. É nessa conquista sedutora, carregada de energia afetiva que o professor transfere seus conteúdos e o aluno fixa seu conhecimento, afirma Codo e Gazzotti, ou seja, “*(...) é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem*” (CODO e GAZZOTTI, 2002).

O trato com os sentimentos pessoais e interpessoais, vistos numa abordagem dos sentimentos humanos de forma sistematizada, é algo premente em nosso sistema educacional. Assim, uma forma de mudar o perfil de nossa educação, seria tirar do papel² e fazer de fato vigorar a elaboração de um projeto educativo. Um projeto elaborado por pais, professores, coordenadores e gestor, incluindo em seu currículo, não como apêndice, mas como componente curricular uma “Pedagogia do Afeto”, que construa homens e mulheres capazes não apenas de viver, mas, sobretudo, de entender a vida e participar dela de forma intensa.

² A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos de vida, legitimando o respeito próprio, pelo outro, pelos valores e regras morais. É através do trabalho na dimensão afetiva que a escola conseguirá tocar a sensibilidade das pessoas (vol. 8, p. 79).

Considerações finais

Através deste trabalho, tivemos a oportunidade de estudar um pouco da visão de alguns teóricos os quais se interessam pela temática pertinente ao nosso objeto de estudo. Em confronto com os dados colhidos no decorrer das sessões, observamos que, na maioria das vezes, comungam com os conceitos que serviram de alicerce para a elaboração e efetivação deste trabalho.

O diálogo estabelecido entre professor e aluno é fator importante no processo de aprendizagem, visto que forma elos afetivos que despertam o interesse e a motivação, levando os alunos a executarem suas tarefas com boa vontade. Codo e Gazzotti (2002) ainda nos dizem que o ato de educar só terá sucesso se houver uma relação afetiva entre professor e aluno, caso contrário, a aprendizagem não será significativa e não preparará o indivíduo para uma vida futura, deixando lacunas no processo ensino-aprendizagem.

Elemento essencial na efetivação da aprendizagem é uma auto-estima positiva, pois todo indivíduo precisa sentir-se capaz de pensar e agir, e ver-se como merecedor de felicidade. A auto-estima nos diz Claret (1995), é uma necessidade humana, que contribui essencialmente para o processo vital.

Constatamos ainda que existe algo que impede, alguns professores, de colocarem, em sua ação pedagógica, um pouco de afeto, e de acolher os sentimentos do aluno, de uma forma que leve, esse aluno, a sentir que a escola, é realmente uma extensão do lar.

É importante lembrar que o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas, visto que a afetividade norteia o processo de aprendizagem. Portanto, nosso sistema educacional carece de uma “Pedagogia do Afeto”, que construa homens e mulheres capazes de viver intensamente.

Esperamos ter contribuído para aqueles que visem uma mudança em suas atitudes que pretendam facilitar o processo de aquisição do conhecimento do aluno e de si mesmo.

Referências bibliográficas

BOCK, Paola Gentile de, **Parceiros na Aprendizagem**. In: Revista Nova Escola. Junho/julho de 2006.

BRASIL, MEC/SESF. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394 de 20/12/2006. Ed. RC. Recife, 1997.

BRASIL, MEC/SESF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética. Vol. 8**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997.

BRASIL, MEC/SESF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 2**. Brasília, 1998.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo, 12ª edição. Ed. Gente, Brasília, 1998.

CLARET, Martin. **O Poder da Auto-Estima**. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda. 1995 – (Coleção: O poder do poder).

CODO, Wanderley (Coordenador) GAZZOTTI, Andréa Alessandra. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

FERRARI, Márcio. **O teórico que incorporou o afeto à pedagogia**. In: Revista Nova Escola, Abril/2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. (Tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da Coleção Fanny Abromovich). São Paulo: Ed. Summus, 1985. (Novas buscas em educação: 23).

MELLO, Guiomar Nano de. **Educação e Sentimento. É preciso discutir essa relação**. In: Revista Nova Escola, Outubro/2004.

OLIVEIRA, Silvana (apud Alicia Fernández). **A Pedagogia do Afeto**. In: Revista Aprende Brasil, junho/julho/2007.